

AS ECONOMIAS EMERGENTES E O CENÁRIO INTERNACIONAL

Renato Baumann

Técnico de planejamento e pesquisa da Diretoria de Estudos e Políticas Setoriais de Inovação, Regulação e Infraestrutura (Diset) do Ipea e professor do Departamento de Economia da Universidade de Brasília (UnB).

A crise iniciada no final de 2007 no setor imobiliário dos Estados Unidos, e propagada para diversas outras economias nos anos seguintes, teve diversas consequências, direta ou indiretamente vinculadas ao centro dos problemas.

Um desses subprodutos da turbulência foi o reconhecimento da importância das economias emergentes. Essas economias destacam-se por apresentarem grandes dimensões geográficas e demográficas, elevado ritmo de crescimento do produto nacional, expressivo grau de industrialização e melhora nos indicadores de desenvolvimento econômico e social.

Nos últimos anos, boa parte desses emergentes tem apresentado dinamismo bem abaixo daquele que os caracterizou, no momento de consideração de seu *status* como fonte importante do dinamismo global. Isso tem provocado ceticismo quanto à sua efetiva capacidade de influenciar o cenário internacional. O objetivo deste texto é situar essas economias em relação ao cenário global no período recente e sugerir possíveis estratégias que possibilitem o aumento de sua participação nesse cenário.

Por diversos anos, algumas dessas economias apresentaram crescimento do produto nacional superior ao registrado pelos países industrializados, o que aumentou sua participação no produto global. Já as previsões para os próximos anos não são tão brilhantes. Isso não afeta, contudo, sua relação com as economias mais ricas, uma vez que, mesmo com uma trajetória menos notável, os emergentes continuarão a desempenhar um papel importante na determinação do dinamismo global.

Chama a atenção, contudo, que, desde 2012, o valor importado global tenha crescido abaixo de 2% ao ano (a.a.), refletindo um desaquecimento importante no mercado internacional. O aspecto positivo é que a participação dos produtos das economias emergentes no valor total importado pelos principais mercados permaneceu relativamente estável.

Como as projeções para os próximos anos são de crescimento baixo para as economias industrializadas,

para as economias emergentes, a questão que se coloca é promover suas exportações de forma a ampliar sua participação no mercado internacional, diversificando a pauta de comércio. Um desafio, haja vista os indicadores de baixa produtividade apresentados pela maior parte dessas economias.

Assim, do ponto de vista comercial, nos últimos anos, o cenário internacional para os países emergentes tem tido como características: *i)* menor dinamismo da demanda, mas *ii)* sem que seus produtos tenham sido substituídos em escala significativa pelos de outros fornecedores, e *iii)* com indicações de menores barreiras tarifárias, embora *iv)* com algumas interrogantes no que se refere ao impacto derivado dos grandes acordos que estão em fase final de negociação ou próximos a entrar em operação. Considerar a adesão a acordos preferenciais passou a assumir papel de destaque nas agendas dos emergentes.

No início da década de 2000, e até a crise de 2008, houve influxo significativo de recursos nas economias emergentes. Isso possibilitou melhora das transações correntes do balanço de pagamentos e acúmulo de reservas. A partir de 2009, o influxo de capitais nos emergentes diminuiu consideravelmente.

No caso dos emergentes, em que pese a preservação do custo baixo de captação de recursos, as dificuldades impostas pelo menor dinamismo da demanda mundial, associadas à saída de recursos, levou a que, a partir de 2013, se observassem três movimentos: *i)* piora no saldo de transações correntes, na maior parte dos países, o que motivou, em alguns emergentes; *ii)* o uso de parte do volume de reservas de divisas; e na maior parte deles, *iii)* a adoção de política cambial ativa.

Como resultado desses anos de elevada liquidez, a participação dos mercados financeiros internos nos emergentes dobrou em relação à capitalização no mercado global de títulos, em comparação com duas décadas atrás. Aumentou, portanto, a probabilidade de contágio pela via financeira, estimada como tendo hoje o dobro da intensidade da propagação de choques pela via comercial.

A perspectiva de inflação baixa nos próximos anos sugere baixa probabilidade de elevação das taxas de juros nas principais economias. A médio prazo, contudo, existe a percepção de que a insistência, por parte das autoridades nas principais economias, em usar política monetária ativa como ferramenta básica para catalisar a atividade econômica possa estar chegando ao seu limite. A retomada do crescimento depende também tanto ou mais de políticas fiscais e reformas estruturais.

Tem havido melhora nas contas públicas das principais economias nos últimos anos, o que indica maior espaço para que os governos desses países adotem política fiscal mais ativa, reduzindo a aposta até aqui predominante na atuação da política monetária.

Ao mesmo tempo, contudo, é possível argumentar que, se a poupança do setor público tem aumentado nos últimos anos, isso não é necessariamente verdade com relação à poupança privada, como tampouco é assegurado que a poupança pública permaneça em níveis elevados.

A evolução demográfica das populações nas principais economias, com mais indivíduos em idade avançada, leva naturalmente a dois movimentos paralelos, e que tenderão a afetar a disponibilidade futura de recursos.

De um lado, os indivíduos de mais idade tendem a poupar menos, e, conseqüentemente, o volume de poupança privada disponível não deve crescer tanto quanto o desejável.

Ao mesmo tempo, uma composição etária da população com idade média elevada demanda, da parte do governo, um percentual mais alto de gastos com saúde pública e com programas de seguridade social, disponibilizando, portanto, menos recursos para investimentos.

Há uma preocupação adicional. Historicamente, em períodos de baixa atividade econômica, os países tendem a proteger seus produtores e os postos de trabalho, aumentando assim as chances de uma intensificação das medidas protecionistas em relação às importações. Em que pesem as indicações de redução de barreiras tarifárias, percebe-se hoje uma intensificação da adoção de medidas travestidas em normas técnicas, mas que de fato são fortes barreiras comerciais. O tema dos acordos preferenciais e das disciplinas no âmbito da Organização Mundial do Comércio (OMC) ganham importância, nesse contexto.

Do lado da interação financeira, o conjunto das economias emergentes é hoje bem mais globalizado do que, por exemplo, no período anterior à crise de 2008. Isso implica benefícios e riscos. Se de um lado essas economias puderam se beneficiar de uma conjuntura de grande liquidez, ao mesmo tempo foram intensificados os mecanismos de transmissão de choques. E, ao se projetar a futuro, há indicações de que em médio prazo é mais provável que se observe uma elevação no custo do capital.

Em resumo, o cenário previsível hoje a curto e médio prazo traz desafios não desprezíveis para as economias emergentes. Mas como por definição essas economias ocupam um papel de destaque apenas relativo, sempre haverá oportunidades a explorar. Isso ressalta a importância de se definir com clareza a estratégia de inserção internacional por parte de cada país emergente, o que deveria ser parte intrínseca do seu desenho do projeto de desenvolvimento nacional desejável.

SUMÁRIO EXECUTIVO